

11-18-2011

O poder de consumo como instrumento da cidadania verde em Human Festa (2008), de Regina Rheda

Danielle Murta de Laborde Affonso

Follow this and additional works at: https://digitalrepository.unm.edu/laii_research

Recommended Citation

Affonso, Danielle Murta de Laborde. "O poder de consumo como instrumento da cidadania verde em Human Festa (2008), de Regina Rheda." (2011). https://digitalrepository.unm.edu/laii_research/54

This Working Paper is brought to you for free and open access by the Latin American and Iberian Institute at UNM Digital Repository. It has been accepted for inclusion in Research Papers by an authorized administrator of UNM Digital Repository. For more information, please contact disc@unm.edu.

Research Paper Series No. 57 November 2011

***O poder de consumo como instrumento da cidadania verde em Humana Festa (2008),
de Regina Rheda***

Danielle Murta de Laborde Affonso
University of New Mexico

The Latin American and Iberian Institute (LAI) at The University of New Mexico (UNM) is one of the nation's leading foreign language and area studies centers. More than 130 UNM faculty specializing in Latin American research and teaching are members of the Faculty Concilium on Latin America and Iberia and are the primary constituency of the LAI.

The LAI's Research Paper Series and Occasional Paper Series provide refereed forums for the timely dissemination of research on Latin American topics. Authors also gain the benefits of comment and criticism from the larger research community if they intend to later submit their work to other publications.

ABSTRACT:

O veganismo reclama e difunde uma forma de cidadania na atualidade: a cidadania verde, tópico efervescente em variados campos de estudo e tema principal de *Humana Festa* (2008) da escritora brasileira Regina Rheda. Através do posicionamento vegano de alguns personagens, relações comportamentais se (con)fundem entre “certo” e “errado”. Além do fator moral do qual o veganismo é imbuído, o poder de consumo é outro pilar no qual esta cidadania se apoia. O romance conta com personagens de níveis intelectuais e sociais distintos, trazendo diferentes respostas às práticas veganas, cada qual de acordo com sua realidade social e poder aquisitivo. Este trabalho examina como a cidadania verde é privilégio de uma determinada camada da sociedade através da teoria de Zygmunt Bauman sobre a sociedade de consumo.

Hoje em dia não pensamos muito no amor de um homem por um animal; rimos de pessoas que são apegadas a gatos. Mas se pararmos de amar aos animais, não estaremos na iminência de pararmos de amar os humanos, também? -- Alexander Solzhenitsyn

Tendo o direito dos animais como princípio ético, o veganismo se faz uma maneira de reclamar e difundir uma – de certo modo – nova forma de cidadania na atualidade: a cidadania verde, uma questão que vem provocando efervescência e interesse em variados campos de estudo, desde engenharia, economia e antropologia, até gastronomia, sociologia, moda e literatura. Este é o tema principal da obra da escritora brasileira residente nos Estados Unidos, Regina Rheda, intitulada *Humana Festa* (2008). Como consequência do posicionamento vegano de alguns dos personagens, relações comportamentais na obra, tanto interpessoais como intrapessoais, e relativas ao consumo de comida e vestimenta, principalmente, mudam drasticamente de configuração, onde “certo” e “errado” se (con)fundem. É possível observar, portanto, que além do fator moral do qual o veganismo é imbuído, o poder de consumo é um outro pilar no qual este tipo de cidadania fortemente se apoia.

Este ensaio se propõe a examinar como a cidadania verde, assim como todas as outras – principalmente a civil e social – é privilégio de uma determinada camada da sociedade e não passa somente pela disposição em veementemente desempenhar um papel ecologicamente correto na sociedade. Atrelar-se-á à análise da obra a teoria de Zygmunt Bauman sobre a sociedade de consumo e suas correlações com a cidadania.

A história do romance se passa no eixo Estados Unidos-Brasil e tem como personagens pessoas de níveis intelectuais – mas também sociais – bastante distintos, o que traz diferentes respostas às práticas veganas, cada qual de acordo com sua realidade social e poder aquisitivo. Megan, uma estudante americana de mestrado em Literatura Comparada cuja tese se baseará na filosofia dos direitos dos animais, vegana, é namorada do brasileiro Diogo L. Bezerra Leitão, estudante da Faculdade da Floresta, mas também futuro herdeiro de um império agropecuário e suinocultor no Brasil. Megan e Diogo vivem instabilidades que ultrapassam o cunho afetivo. Além da moça ainda ser apaixonada por River – ativista norte americano ironicamente chamado por Diogo de “o Perfeitinho” – as rugas entre o casal se dão principalmente pela dificuldade inicial do

brasileiro em se adaptar à cultura vegana e, sobretudo, pela iminência em herdar uma fortuna adquirida às custas de crueldade e exploração de animais humanos e não-humanos. Os Bezerra Leitão – como a escolha do sobrenome feita pela autora parece criativamente indicar – são uma família abastada que vive no interior de São Paulo. O patriarca é um multimilionário possuidor de quatro fazendas nos estados de São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul. Em apenas uma delas, há cinquenta mil cabeças de gado em “criação intensiva”, curral de concreto repleto de animais confinados, além de inúmeros empreendimentos pós-porteira, que vêm a ser, de acordo com o próprio empreendedor quando explica a seu filho a expansão das atividades:

Matadouro, frigorífico, curtume, açougue, esse tipo de coisa. De cinco anos pra cá, abri vários. Até fábrica de sabão eu abri. Já nem sei quantos mil empregos criei [...]. Mas não realizei tudo sozinho não. Justiça seja feita à Holy Hill, que investiu, e aos governadores, que apoiaram. (Rheda 237)

Trata-se, portanto, de um excelente negócio em franco desenvolvimento. A industrialização da cadeia produtiva agrícola e pecuária surge com o fenômeno da globalização, enfatizada pelo neoliberalismo idealizado nos anos 70 e contando com nomes como Milton Friedman para sua realização, que se instalou em países subdesenvolvidos após períodos de ditadura militar, com a promessa de total liberdade de comércio – livre mercado – como garantia de não apenas crescimento econômico de uma nação, mas também de seu desenvolvimento social. Segundo o professor de história, escritor e político Paulo Henrique Costa Mattos (2008), em seu texto publicado no website <http://www.socialismo.org.br>:

O “modelo” neoliberal globalizante, implementado no Brasil principalmente a partir de 1990, articulado numa ampla aliança mundial, fundada internamente nas elites urbanas, rurais e nas altas classes, que passaram por sua vez a operar importantes mudanças estruturais - de propriedade e poder - para garantir o seu funcionamento, levou o país para

uma situação de total dependência externa e profunda ilusão política num suposto desenvolvimento nacional.

Bezerra Leitão, apesar de ter pouquíssimo estudo, tem um bom tino para negócios e, certo de estar levando o progresso para sua fazenda e região – gerando divisas através de exportação – firma parcerias com o conglomerado americano Holy Hill, detentor de três entre os três aspectos que envolvem o agronegócio (agroindústria ou agrobusiness) termo que define o agrupamento de negócios ligados à agricultura e pecuária dentro do ponto de vista econômico: o primeiro aspecto trata do funcionamento “dentro da porteira”, ou seja, do trato com produtores e fazendeiros; o segundo se refere aos negócios “pré-porteira”, representados pela indústria e comércio que promovem insumos para a produção rural, como por exemplo os fabricantes de fertilizantes, defensivos químicos e equipamentos; e o terceiro lida com os negócios “pós-porteira”, já mencionados anteriormente.

Possivelmente inquieto ou, no mínimo, curioso em vista a tantas mudanças, o peão Zé Luiz trata de dar a notícia sobre a parceria à sua mãe, Dona Orquídea, também empregada da fazenda e responsável pela alimentação dos porcos, entre muitas outras obrigações: “Mãe, seu Bezerra Leitão está modernizando a fazenda. [...]. Diz que quer deixar ela mais com jeito de fábrica do que de campo”. (Rheda 86)

É possível observar, na obra de Rheda, alternâncias nas representações de propriedade e poder uma vez que, como mencionado acima, o romance conta com cenários, contextos e personagens bastante distintos. Dentre estas alternâncias, destacam-se o abuso de mão de obra humana versus o reconhecimento da cidadania e o respeito às classes econômicas mais baixas; a exploração e os maus-tratos aos animais versus o consenso sobre sua senciência e a promoção de seus direitos; e finalmente, o consumismo versus o “consumerismo verde”. Cada uma destas dicotomias serão analisadas com mais profundidade e o foco principal será dado ao último par citado: consumismo versus “ecoconsumerismo”.

Os dois pólos geográficos do romance estão no estado da Flórida , Estados Unidos, e no interior do estado de São Paulo, Brasil. No país do hemisfério norte vivem Megan; seu ex-namorado, River; seu namorado atual, Diogo; sua mãe, Sybill e seu padrasto, Bob. No hemisfério sul vivem os Bezerra Leitão, o patriarca, dona Marcela, os

irmãos de Diogo e sua prima, Vanessa. Obviamente, lá também vivem seus inúmeros empregados, como dona Orquídea e Zé Luiz.

Durante uma visita de Megan e Diogo à casa de Sybill e Bob, enquanto os casais conversam sobre tarefas domésticas, Bob menciona que Sybill não sabe cozinhar e que não quer pagar empregados. A mãe de Megan esclarece seu posicionamento dizendo: “Não quero me aproveitar de pessoas dispostas a trabalhar sem documentação e por uma pechincha. E não tenho dinheiro para pagar o que o serviço vale de verdade” (36). Tal assertiva demonstra a sua postura contra o consentimento e participação de uma parcela da classe média/média alta americana em alimentar e se aproveitar dos sub-empregos, pagando baixos salários e não assegurando aos empregados seus direitos. Nos Estados Unidos, a maioria das famílias de classe média limpa sua própria casa, ao passo que no Brasil, a maior parte deste grupo conta com a ajuda de empregadas domésticas.

Se por parte do núcleo norte-americano do romance há o respeito pela mão de obra de profissionais que se encarregam do trabalho que poucos querem desempenhar, constata-se que o mesmo não acontece na fazenda dos Bezerra Leitão. Os funcionários são explorados às últimas conseqüências, ao ponto de pagarem pelo próprio uniforme utilizado para o trabalho. Dona Marcela, a esposa de Bezerra Leitão, compra sapatilhas “chinesinhas” para suas empregadas a fim de não ter o desprazer em ver “aquelas patas brutas [...] uma espécie de Midas ao contrário” (Rheda 166), e quando dona Orquídea tenta argumentar contra o abuso de ter que arcar com o preço de cobrir sua “feiúra”, dizendo “Meu uniforme de butique é mais caro que o delas” (166), não obtém sucesso. O fazendeiro, ao presenciar o confronto, reflete, se defendendo, sobre a impossibilidade de assumir esses custos sozinho:

O prejuízo era tamanho, garantira o patriarca, que a maioria dos empregados tinha que ficar trabalhando o resto da vida na fazenda, sem conseguir quitar as dívidas. Mas eles estavam acostumados à servidão. Pertenciam a uma longa linhagem de vassalos. Não tinham o gene da independência nem o da dignidade. Assim como as longas linhagens de criação de gaiola, chiqueiro e curral não trazem o gene da vontade de ser livre, acreditava ele. (Rheda 166)

Dona Orquídea é a funcionária aparentemente mais competente e também a mais engajada com a causa dos animais e com a luta contra o abuso de empregados. Além de se recusar a comer carne desde pequenina por ver de perto os maltratos aos não-humanos, já que uma das suas funções era a de preparar-lhes a lavagem diária; fazer um apelo firme à sobrinha de Bezerra Leitão para que castrasse e soltasse os porcos na floresta e de se indignar com o confinamento dos animais no novo formato de curral, a mãe de Zé Luiz passou a acompanhar o filho nas reuniões que aconteciam na venda do Norato.

Estes encontros, denominados por Zé Luiz como “assembléias” e definidos como “conversa que tem que ser conversada só lá, por enquanto [...] contra a modernização da fazenda de seu Bezerra Leitão” (Rheda 97) contavam com a participação de peões e de Goiabeira, um ambientalista que auxiliava Pé-de-anjo, o diretor do sindicato, na arquitetura do plano de ação direta – movimento ativista de caráter imediatista que objetiva mudanças na ordem predominante de práticas maléficas a um grupo da sociedade. Além de pleitearem um acordo com o fazendeiro, sabiam que a questão era bem mais profunda: “infelizmente o interesse do governo é incentivar o agronegócio imediato, [...] porque esse negócio gera divisas” (198). Muitos dos empregados sob o comando de Bezerra Leitão se encontravam sem perspectiva de melhora em sua condição social pelo fato de não terem outra alternativa de agência: a parceria firmada com o conglomerado *Holy Hill* fez com que a concorrência se tornasse ainda menos existente, o que implica abuso da mão-de-obra empregada nas atividades da fazenda. Neste aspecto, os humanos e não humanos explorados na obra se aproximam a partir da reflexão feita pela mãe de Zé Luiz quando soube das edificações de cimento que comportariam as porcas: “[n]ão é possível que as bichinhas estivessem contentes. Não era possível que quisessem ficar ali. É que não conseguiam sair”. (Rheda 87) Jacques Derrida, em *O Animal que Logo Sou* (2002), elabora sobre a questão que parece mover dona Orquídea:

E do lugar que é preciso dar à interpretação dessa compaixão, ao compartilhar do sofrimento entre os viventes, ao direito, à ética, à política que é preciso referir a essa experiência da compaixão. [...] diante da negação organizada dessa tortura, algumas vozes se levantam

(minoritárias, fracas, marginais, pouco confiantes em seu discurso, em seu direito ao discurso e na efetivação de seu discurso em um direito, dentro de uma declaração de direitos) para protestar, para apelar, voltaremos a isso, ao que se apresenta de maneira tão problemática ainda como os *direitos do animal*, para nos acordar para nossas responsabilidades e nossas obrigações em relação ao vivente em geral, e precisamente a essa compaixão fundamental que, se fosse tomada a sério, deveria mudar até os alicerces [...] da problemática filosófica do animal. (53).

A própria escritora do romance em análise, quando indagada sobre qual seria a relação dos direitos animais com outras lutas sociais por igualdade e justiça em entrevista concedida à Alexandra Isfahani-Hammond, professora de literatura luso-brasileira da Universidade da Califórnia-San Diego; Fabiane Niemeyer, do grupo de defesa animal Gato Negro, e Rafael Jacobsen, membro da SVB-Porto Alegre e escritor, publicada no website <http://gato-negro.org> nos informa sobre sua trajetória:

Com o envolvimento na defesa animal, voltei a pensar mais seriamente nas outras lutas sociais por igualdade e justiça. Afinal, se “direitos animais” significam justiça para todos os seres sencientes, significam justiça também para os humanos, que são seres sencientes.

A proximidade de Dona Orquídea com os porcos – dada à sua principal função na fazenda – permitiu sua identificação como classe oprimida. A velha funcionária servia aos porcos uma lavagem que aprendera a preparar com a avó antes de começar a falar e se indignava com a imundície que envolvia o preparo da sopa azeda feita com as sobras dos alimentos dos humanos misturadas à água suja em que se lavava a louça (Rheda 84-5). A situação mudou em quase nada quando se tornou uma mulher e aprendeu a falar – a mudez era outra, explicitada pelo narrador em terceira pessoa:

Quem era Dona Orquídea para distinguir o certo do errado? Não sabia escrever. Não tinha nada de seu. Não mandava na casa, no chiqueiro, em

si mesma. Só aceitava e obedecia. [...] Que sabia Dona Orquídea? Não sabia coisa nenhuma. (Rheda 84)

A mãe de Zé Luiz era muito diferente de alguns personagens secundários que aparecem na obra, como a família de River, que é descrita como uma

[...] família progressista. Sua mãe era uma advogada a serviço da Anistia Internacional. Seu pai fazia lobby no governo para uma organização ambientalista. A avó, editora da revista de esquerda *The Nation*, era casada com um professor de ecologia. Um irmão adotivo afro-asiático-americano e transexual deixara seu consultório em São Francisco a cargo de uma sócia idosa, anã, paraplégica e muçulmana para trabalhar como voluntário do Médicos sem Fronteiras, no Congo. (Rheda 268)

Dona Orquídea era vegana sem saber do termo ou das implicações e ideologias que ele trazia no contexto global, “[n]asci torta, Deus me perdoe”, às vezes pensava (91). Quando recebeu a notícia de que trabalharia na sede da fazenda por uma semana cozinhando comida vegana para a visita internacional e que, por isso, receberia uma quantia a mais, “ficou feliz com a obrigação. Ser paga para morar uma semana em casa de rico. Ser paga para ficar uma semana sem pegar em bicho morto”, se alegrou (91). No instante seguinte, deixou esmorecer a alegria inicial quando imaginou que, por não poder cozinhar para o filho durante aquele período, ele gastaria todo o dinheiro extra comendo na cidade:

Zé Luiz comeria no Mc Donald’s. Frequentaria os três: o da avenida principal, o que ficava perto da escola e o outro, dentro do hospital. Tomaria café na Casa do Pão de Queijo da praça da matriz, na que ficava perto do cartório e na outra, atrás do banco. (Rheda 93)

O trecho ilustra que o peão dá importância aos tipos e nomes dos estabelecimentos em que vai comer um sanduíche e tomar um café – respectivamente um

dos maiores ícones do capitalismo e da globalização de todos os tempos e uma cadeia brasileira parecida com a rede de cafeterias Starbucks, guardadas as devidas proporções, onde não se toma o mesmo café servido na venda do Norato, por exemplo.

Além disso, a passagem indica que ele irá a esses estabelecimentos não somente uma, mas três vezes, evidenciando, portanto, uma urgência em fazer valer a sua cidadania – por muitas vezes e, de tantas maneiras, negada – como consumidor. Zygmunt Bauman, no texto *Collateral Casualties of Consumerism*, teoriza sobre o poder de consumo como meio de performance da cidadania:

First and foremost, the poor of today (that is, people who are 'problems' for the rest) are 'non-consumers', not 'unemployed'. They are defined in the first place through being flawed consumers, since the most crucial of the social duties which they do not fulfill is that of being active and effective buyers of the goods and services the market offers. (126)

Em seu texto, Bauman aponta que a “underclass” é definida por critérios que excluem e abnegam ao máximo grau, se tornando assim uma erosão da ordem em que se constitui uma sociedade. Esta “erosão” é vista sob as máximas da inutilidade e do perigo, já que para se encaixar nos padrões de “regularidade”, para ser considerado membro de uma sociedade, o indivíduo precisa ser antes de mais nada um consumidor para então ser um cidadão. Portanto, quem representa um problema para a sociedade de hoje, muito mais do que os desempregados, são os “não-consumidores”, uma vez que um dos maiores “deveres” que não exercem é o de serem consumidores ativos de bens e serviços.

Há outra questão a ser analisada sob o foco da globalização e conseqüente imposição do consumo: o fato de que há três pontos diferentes de um mesmo estabelecimento de *fast food* norte americano numa cidade de interior no Brasil também deve chamar a atenção do leitor. O aspecto invasivo da globalização é evidenciado no trecho citado acima.

É também importante perceber a diferença dos símbolos de status em relação às classes sociais. No Brasil, fazer um lanche no Mc Donalds é considerado por uma enorme

fatia da população um programa sofisticado. Pais levam seus filhos à lanchonete nos finais de semana e nas férias escolares como uma atividade de lazer. A seguinte passagem, por sua vez, expressa a posição vegana a respeito desta categoria de restaurantes, quando Diogo ainda está nos Estados Unidos e procura por comida, ainda confuso no processo de conversão ao veganismo:

Na parede do restaurante, um relógio gordo e suado cochilava cinco horas. O estabelecimento estava cheio de estudantes e daqueles outros fregueses que, pelos mais variados motivos, dispõem-se a trocar a boa saúde por um serviço rápido, barato e rudimentar. (Rheda 28)

Nota-se, através dos excertos, que algo considerado símbolo de luxo para um peão explorado no interior do Brasil é visto como – fazendo uso das exatas palavras do texto – algo barato e rudimentar, o que nos traz à idéia proposta por García Canclini (2005) referente às diferentes simbologias de status entre as classes econômicas, etnias e nações. De acordo com a pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenadora do Laboratório de Estudos Agrários da Universidade Estadual do Ceará (UECe). Denise Elias, no livro *Globalização e Agricultura*, “[o] período posterior à Segunda Guerra Mundial, sob a égide da revolução científico-técnica, marca também a inserção do Brasil na lógica da globalização da energia e do consumo” (43). Ela acrescenta que:

Muito embora desde o início do comércio em grande escala, no século XVI, a atividade agrícola brasileira apresente crescente processo de internacionalização, somente em meados do século XX conhece uma ação contínua de reestruturação e globalização [que] se baseia na incorporação da ciência, da tecnologia e da informação para aumentar a produção e a produtividade agropecuária, culminando com memoráveis transformações econômicas e, conseqüentemente, socioespaciais. (59)

As relações de consumo na obra representam um grande paradoxo na temática proposta em *Humana Festa*. A dicotomia entre consumismo e “consumerismo verde” se mostra a mais problemática questão no enredo. É necessário conhecer a definição destes termos para então passarmos à análise a obra.

Michael Solomon, professor de marketing e autor do livro *O Comportamento do Consumidor: Comprando, Possuindo e Sendo* (2001) afirma que o consumismo é uma prática desprovida de ética, por fazer as pessoas consumirem de maneira não consciente, adquirindo, assim, coisas que não precisam ou em quantidade muito maior do que necessitam. De acordo com ele, os consumidores estão envolvidos numa trama bem amarrada por engenhosos artifícios de propaganda, que se valem de estratégias fabulosas que os induzem a querer sempre o mais novo modelo, o melhor, o mais belo, o mais completo, buscando eternamente um diferencial.

No nível ambiental, o consumismo vinculado à globalização econômica, cultural e social e atrelado à necessidade de energia e recursos naturais geram impactos gravíssimos. O guru dos negócios Philip Kotler, em *Marketing* (1980), define consumerismo como “um movimento organizado de cidadãos e governos interessados no fortalecimento dos direitos e do poder dos compradores em relação aos vendedores”. Ainda de acordo com o renomadíssimo marketólogo, ecologismo seria “um movimento organizado de cidadãos e governos preocupados em proteger e intensificar o meio ambiente de vida do homem contra aqueles que o destroem”.

O “consumerismo verde” seria, portanto, uma combinação dos dois conceitos acima mencionados, ou seja, uma organização entre cidadãos e governos interessados em seus direitos e poder de compra de produtos que preservem a ecologia, a vida animal e os recursos naturais. O veganismo e cidadania verde em geral se apresentariam como a cura para estes males da globalização.

A problemática do suposto “consumerismo verde” quando o narrador se refere às preferências de consumo da personagem Sybill é retratada quando ele explicita suas escolhas a respeito do seu desempenho como consumidora de objetos e vestimenta:

[...] tinha apenas móveis velhos, herdados da família ou adquiridos em feiras de antiguidades. Só comprava roupas de segunda mão, e em caso de

extrema necessidade. [...] gostava de viver com o mínimo necessário [...] sem desperdiçar recursos naturais nem aumentar a poluição do planeta. [...] Não comportava objetos de fora [...]. (Rheda 34)

Estes argumentos que fundamentariam um suposto movimento antiglobalização não são criticados, no entanto, quando se pensa em consumo de alimentos “verdes” e/ou veganos em *Humana Festa*:

Silvanira foi encarregada das compras. Diogo orientou-a a distinguir os alimentos pertinentes, escolher de tudo um pouco e não *economizar dinheiro*. [...] Vanessa não ficou satisfeita. Abalou-se com a moça durante uma madrugada até um supermercado dos Jardins, na capital [...] e retornou com o carro repleto de extravagâncias. [...] emergiram, pela primeira vez na cozinha da sede, berinjelas brancas e minilaranjas *kinkan*, cogumelos *japoneses* e pepinos *européus*, arroz integral cateto e cevadinha germinada, cupuaçus e serigüelas, uma *grapefruit*, [...] e um melão *cantapulo* (ênfases minhas). (Rheda 303)

Quando se consome produtos deste tipo, se promove a globalização e se contribui para a poluição do planeta, uma vez considerado o transporte para que estes alimentos japoneses e europeus cheguem ao Brasil, à São Paulo e, finalmente, à fazenda Mato Grosso, para mencionar os locais retratados pelo romance. Diogo, defensor e difusor do veganismo e da agricultura verde no ambiente brasileiro parece não se preocupar em favorecer o comércio local, prática pregada pelos preceitos da cidadania verde.

Embora exista o fato de a fazenda estar localizada numa zona rural, os personagens preferem se deslocar à cidade grande para consumirem produtos vegetarianos/veganos, o que carrega em si uma considerável dose de ironia. Teoricamente, num espaço como onde a fazenda está inserida, seria bastante provável que houvesse inúmeros produtores independentes que não fizessem uso de agrotóxicos – ou “defensivos agrícolas” como empresas como a *Holy Hill* preferem nomear – pesticidas, herbicidas, rações de engorda e hormônios para os animais. No entanto, a

máquina que trouxe o “progresso e modernização” à região dificulta os negócios geridos pelos pequenos produtores devido ao custo final de seus produtos, bastante menor do que os produzidos através de recursos artificiais. Muitos desses produtores têm suas atividades interrompidas por conta da concorrência desleal. E assim, ironicamente, o produto verde/orgânico/vegano é comprado em grandes supermercados em cidades desenvolvidas por um preço bem alto.

No texto *Food, Social Policy and the Environment: Towards a New Model* (2001), esta questão é abordada:

We argue, too, that governments should promote a view that what matters is not just *what* people eat but also *how* food is produced and how equitably it is distributed and consumed. This requires the exploration of new configurations. If, for instance, consumers are to increase their fruit and vegetable consumption to reduce cardiovascular disease, it surely matters if that fruit generates more long-distance food distribution rather than encouraging more local production. Similarly, the goal of improving and protecting biodiversity should mean biodiversity not just on supermarket shelves but also back in the fields whence the produce came.

Os fatos de os movimentos ecológicos serem um produto da globalização, de lutarem contra ela e através dela constituem um paradoxo, no mínimo, muito interessante. Embora eles veiculem campanhas ambientalistas, o que prepondera nesses meios é o apelo ao consumismo de produtos que tenham o selo “verde” como diferencial. Estes “valores” são igualmente importados por países em desenvolvimento por meio da globalização.

O sociólogo, filósofo e teórico crítico esloveno Slavoj Žižek, em uma palestra para a RSA (the Royal Society for the encouragement of Arts, Manufactures and Commerce) sobre caridade e consumo, aponta:

In today's capitalism more and more the tendency is to bring [making money and charity] together in one and the same cluster, so that when you

buy something, your anti-consumerist duty to do something for others, for the environment and so on, is already included into it.

Esta assertiva também é possível quando se pensa em “consumerismo ambiental”. Quando se consome um produto de uma companhia que esteja engajada nas questões ecológicas, compra-se também a redenção por estar inserido na bolha do consumismo. Zizek examina a hipocrisia contida nesta ação e exemplifica esta prática através do consumo do café da maior rede de cafeterias da América do Norte:

If you think I'm exaggerating, you have them around the corner. Walk into any Starbucks Coffee, and you will see how they explicitly tell you -- I quote their campaign: 'It's not just what you are buying, it's what you are buying into.' And then they describe it to you. Listen: 'When you buy Starbucks, whether you realize it or not you are buying into something bigger than a cup of coffee. You are buying into a coffee ethics. Through our Starbucks 'Shared Planet' program, we purchase more fair-trade coffee than any company in the world, ensuring that the farmers who grow the beans receive a fair price for their hard work. And we invest in and improve coffee growing practices and communities around the globe. It's a good coffee karma.' And a little bit of the price of a cup of Starbucks coffee helps furnish the place with comfortable chairs, and so on.

O físico austríaco Fritjof Capra, em *As Conexões Ocultas* (2001), elabora sobre o processo pelo qual percorreu o capitalismo para explicitar como se dá nos dias atuais o fenômeno da globalização, apoiado em redes eletrônicas e manejos financeiros e de acesso à informação cujo propósito primordial é o “de elevar ao máximo a riqueza e poder de suas elites” (267). Capra vai além e afirma que neste século duas correntes que tem em comum “[...] uma rede complexa e uma tecnologia avançada e especial” (268) como pilares se enfrentarão: o capitalismo global e sua contraposição, as comunidades sustentáveis.

Sabe-se bem que na procura desenfreada por símbolos que perpetuem o vício do consumo, o capitalismo global agora faz uso de apelos ecologistas para cumprir sua missão, agregando o discurso ecológico a empresas, produtos, idéias e estilos de vida, além de agregar, obviamente, valor. São inúmeros os exemplos de produtos que se definem como ‘amigos da natureza’, o que conseqüentemente eleva em muito os seus custos. O discurso verde é inquestionável, imbatível e já se tornou uma megatendência no universo business.

Impossível é desvencilhar, desta maneira, a vida verde do status sócio-econômico. Impossível também é deixar de atribuir o caráter capitalista a um movimento anticapitalista. Como conclusão, pode-se constatar que a cidadania verde, apoiada no veganismo e/ou eco-consumerismo, é algo para poucos. As camadas sociais mais privilegiadas são as únicas que podem se converter às práticas, ainda que com ressalvas. Os produtos ecológicos são frequentemente comercializados a preços proibitivos para a maioria da população, o que leva à máxima da disjunção entre cidadania no âmbito teórico e prático. James Holston (2006) salienta a deterioração da cidadania em países que passaram pelo processo de democratização após regimes ditatoriais e que, por terem contextos únicos e não seguirem o modelo do Atlântico Norte, neste momento de transição, apresentam uma atmosfera tempestuosa, coerciva, brutal e parcial. O direito de consumo é garantido pela constituição; no entanto, não há condições plenas para que os cidadãos o exerçam. Todos têm o direito de serem veganos, mas o que falta – além de instrução sobre os aspectos positivos e negativos em sê-lo – é uma possibilidade de cidadania inclusiva e participatória. Sob o espectro dos que atribuem ao consumo o sinônimo de cidadania, é evidente a percepção da negação da mesma.

Obras Consultadas:

- Bauman, Zygmunt. "Collateral Casualties of Consumerism." *Consuming Life*. Cambridge: Polity, 2007. 117-50. Print.
- Capra, Fritjof. *As Conexões Ocultas*. São Paulo: Cultrix, 2001. Print.
- Derrida, Jacques. *O Animal Que Logo Sou*. São Paulo: UNESP, 2002. Print.
- Elias, Denise. *Globalização E Agricultura*. São Paulo: Edusp, 2003. Print.
- García Canclini, Nestor. *Diferentes, Desiguais e Desconectados Mapas da Interculturalidade*. Trans. Luiz Sérgio Henriques. Rio De Janeiro: UFRJ, 2008. Print.
- Holston, James. "Citizenship in disjunctive democracies". *Citizenship in Latin America*. Ed: Tulchin, Joseph S. and Meg Ruthenburg. Boulder: Lynne Reinner, 2006. 75-94.
- Kotler, Philip. *Marketing*. São Paulo: Atlas, 1980. Print.
- Lang, Tim, David Barling, and Martin Caraher. "Food, Social Policy and the Environment: Towards a New Model." *Social Policy & Administration* 35.5 (2001): 538-58. Print.
- Mattos, Paulo H.C. "A Globalização Neoliberal No Brasil: O Avanço Do Agronegócio E O Papel Da Administração Pública." *Fundação Lauro Campos Socialismo E Liberdade*. 25 May 2008. Web. 10 Dec. 2010. <<http://www.socialismo.org.br/portal/politica/47-artigo/393-a-globalizacao-neoliberal-no-brasil-o-avanco-do-agronegocio-e-o-papel-da-administracao-publica>>.
- Rheda, Regina. *Humana Festa*. Rio de Janeiro: Record, 2008. Print
- Serrano, Climene M. L. *Educação ambiental e consumerismo em unidades de ensino fundamental de Viçosa-MG*. Viçosa : UFV Press, 2003.
- Solomon, Michael. *O Comportamento Do Consumidor: Comprando, Possuindo E Sendo*. São Paulo: Atlas, 2001. Print.
- Zizek, Slavoj. "First as Tragedy, Then as Farce." Lecture. RSA Events. London. 08 Dec. 2010. RSA. 24 Nov. 2009. Web. <<http://www.thersa.org/events/vision/vision-videos/slavoj-zizek-first-as-tragedy,-then-as-farce>>.

"Entrevista Com Regina Rheda, Escritora Vegana E Abolicionista." Entrevista por Alexandra Isfahani-Hammond, Fabiane Niemeyer, and Rafael Jacobsen. *Gato Negro*. 23 Mar. 2009. Web. 11 Dec. 2010. <<http://gato-negro.org/entrevista-com-regina-rheda-escritora-vegana-e-abolicionista/>>.

THE UNIVERSITY OF NEW MEXICO
LATIN AMERICAN AND IBERIAN INSTITUTE
RESEARCH PAPER SERIES

1. Guess, George M. "Bureaucracy and the Unmanaged Forest Commons in Costa Rica." December 1979.
2. Lupsha, Peter A., and Kip Schlegel. "The Political Economy of Drug Trafficking: The Herrera Organization (Mexico and the United States)." November 1980.
3. Gregory, Peter. "Employment, Unemployment, and Underemployment in Latin America." March 1981.
4. Levy, James, and Nick Mills, Jr. "The Challenge to Democratic Reformism in Ecuador." June 1981.
5. Gregory, Peter. "Legal Minimum Wages as an Instrument of Social Policy in Less Developed Countries, with Special Reference to Costa Rica." July 1981.
6. Díez-Canedo, Juan. "Undocumented Migration to the United States: A New Perspective." August 1981.
7. Sabloff, Paula L. W. "*Caciquismo* in Post-Revolutionary Mexican *Ejido*-Grant Communities." September 1981.
8. Gregory, Peter. "Economic Development and the Labor Market in Mexico." November 1981.
9. Earley, Stephen. "Arms and Politics in Costa Rica and Nicaragua, 1948-1981." May 1982.
10. Wessman, James W. "Peasants, Capitalists, and the State: Mexico's Changing Agricultural Policies and the 'Hungarian Project'." May 1982.
11. Conniff, Michael L. "Black Labor on a White Canal: West Indians in Panama, 1904-1980." May 1983.
12. Froehlich, Jeffery W., and Karl H. Schwerin. "Conservation and Indigenous Human Land Use in the Río Plátano Watershed, Northeast Honduras." June 1983.
13. Bales, Fred V. "Comparing Media Use and Political Orientation among Squatter Settlers of Two Latin American Countries." June 1983.

14. Sabloff, Jeremy A., Patricia A. McAnany, Bernd Fahmel Beyer, Tómas Gallareta N., Signa L. Larralde, and LuAnn Wandsnider. "Ancient Maya Settlement Patterns at the Site of Sayil, Puuc Region, Yucatán, Mexico: Initial Reconnaissance (1983)." January 1984.
15. Santley, Robert S., Ponciano Ortiz Ceballos, Thomas W. Killion, Philip J. Arnold, and Janet M. Kerley. "Final Field Report of the Maticapan Archaeological Project: The 1982 Season." June 1984.
16. Morris, Nancy E. "*Canto porque es necesario cantar: The New Song Movement in Chile, 1973-1983.*" July 1984.
17. Sabloff, Jeremy A., Gair Tourtellot, Bernd Fahmel Beyer, Patricia A. McAnany, Diana Christensen, Sylviane Boucher, and Thomas R. Killion. "Settlement and Community Patterns at Sayil, Yucatán, Mexico: The 1984 Season." April 1985.
18. Brajer, Victor. "An Analysis of Inflation in the Small, Open Economy of Costa Rica." June 1986.
19. Ashley, John M. "The Social and Environmental Effects of the Palm-Oil Industry in the *Oriente* of Ecuador." October 1987.
20. Hidalgo, Margarita. "Perceptions of Spanish-English Code-Switching in Juárez, Mexico." March 1988.
21. Arnold, Philip J III. "Ceramic Production and Consumption in the Sierra de los Tuxtlas, Veracruz, Mexico." June 1988.
22. Gregory, Peter. "Undocumented Migration to the United States: Can the Flow Be Stemmed?" May 1989.
23. White, Thomas U. "Mexican Immigrant Labor: An Alternative Analysis and Policy Proposal." November 1989.
24. Lipski, John M. "On the Non-Creole Basis for Afro-Caribbean Spanish." February 1993.
25. Lamadrid, Enrique R. "Treasures of the *Mama Huaca*: Oral Tradition and Ecological Consciousness in Chinchaysuyu." May 1993.
26. Lipski, John M. "New Perspective on Afro-Dominican Spanish: the Haitian Contribution." May 1994.
27. Tarver, Gina McDaniel. "Issues of Otherness and Identity in the Works of Izquierdo, Kahlo, Artaud, and Breton." April 1996.

28. Craib, Raymond B., III. "Chinese Immigrants in Porfirian Mexico: A Preliminary Study of Settlement, Economic Activity, and Anti-Chinese Sentiment." May 1996.
29. Bannister, Geoffrey J. "The Economic Context of the Mexican Crisis." September 1996.
30. Elinore M. Barrett. "The Geography of Rio Grande Pueblos Revealed by Spanish Explorers, 1540-1598." May 1997.
31. Clark, Charles. "The Delegation of Land Tenure in Tropical Petén, Guatemala." May 1998.
32. Black, Chad T. "The Making of an Indigenous Movement: Culture, Ethnicity, and Post-Marxist Social Praxis in Ecuador." May 1999.
33. Howe, Alyssa Cymene. "Re-Engendering Revolution: Nicaraguan Gay and Lesbian Rights and the Sex of Post-Sandinismo." May 1999.
34. Medrano, Feliza. "*Ni chicha ni limonada*: Depictions of the Mulatto Woman in Cuban Tobacco Art." May 1999.
35. Stocker, Karen. "*No somos nada*: Ethnicity and Three Dominant and Contradictory Indigenist Discourses in Costa Rica." June 2000.
36. Eckmann, Teresa. "Chicano Artists and Neo-Mexicanists: (De) Constructions of National Identity." July 2000.
37. Archer, Rachel Elaine. "Society, Culture, and Heroes: Depictions of Cuban Heroine Mariana Grajales Cuello, 1893-2000." July 2001.
38. Burke, Nancy J. "Pre-Paid Phone Cards, *Cosas*, and Photos of the Saints: Transnational *Santería* Practices in a Southwest City." July 2002.
39. Fiala, Robert and Susan Tiano. "Maquila Employment and Fertility in Mexicali, Mexico: A Study of the Dynamics of Productive and Reproductive Relations." June 2003.
40. Rice, Roberta. "Channeling Discontent: The Impact of Political Institutions on Patterns of Social Protest in Contemporary Latin America." June 2003.
41. Santley, Robert S. "Ranchoapán: The 'New Obsidian' City of the Tuxtlas?" June 2004.
42. Ingram, Matthew. "Political Justice: Sub-national Determinants of Judicial Efficiency in Mexico, 1993-2000." June 2004.

43. Kerevel, Yann. "Re-examining the Politics of U.S. Intervention in Early 20th Century Nicaragua: José Madriz and the Conservative Restoration." November 2006.
44. Avila, Theresa. "Emiliano Zapata: Figure, Image, Symbol." July 2007.
45. Cárdenas-Rotunno, Anthony J. "Fray Alonso de Benavides's *Memoriales* of 1630 and 1634: Preliminary Observations." July 2007.
46. Gascón, Margarita. "The Defense of the Spanish Empire and the Agency of Nature. Araucanía, Patagonia and Pampas during the Seventeenth Century." August 2008.
47. Cárdenas-Rotunno, Anthony J. "The 1525 Cromberger *Crónica del Cid*: From Press to Lap." November 2008.
48. Ribeiro, Ludmila. "*Impunidade no sistema de justiça criminal brasileiro: Uma revisão dos estudos produzidos sobre o tema.*" August 2009.
49. Benavides Vanegas, Farid Samir. "Criminal Law as a Constitutive Strategy: The Colombian Case." August 2009.
50. Cárdenas-Rotunno, Anthony J. "Alfonso X, St. James, and the Virgin." September 2009.
51. Tompkins, Cynthia. "A Deleuzian Approach to Carlos Reygadas's *Stellet Licht* [Silent Light] (2008)." November 2010.
52. Byrd, Steven. "The Lexicon of Calunga and a Lexical Comparison with other Forms of Afro-Brazilian Speech from Minas Gerais, São Paulo, and Bahia." November 2010.
53. García Otero, María José. "*Negociación de 'mestizaje' e identidad nacional nicaragüense en la obra teatral El Güegüense o Macho Ratón.*" November 2010.
54. Massholder, Alexia. "*El pensamiento intelectual comunista en Argentina: una relectura de Héctor P. Agosti y su introducción al pensamiento de Gramsci.*" October 2011.
55. Weiss, Jessica Weiss. "Inquisitive Objects: Material Culture and *Conversos* in Early Modern Ciudad Real." November 2011
56. Mangialavori, Leonardo and Miguel Barrientos. "*Políticas y cultura en la última Argentina autoritaria: estado y teatro entre 1976 y 1983.*"

November 2011.

57. Affonso, Danielle Murta de Laborde. "*O poder de consumo como instrumento da cidadania verde em Humana Festa (2008), de Regina Rheda.*" November 2011

NAFTA/MERCOSUR WORKING PAPER SERIES

1. Frigerio, Alejandro. "*La expansión de religiones afro-brasileñas en el Cono Sur: Representaciones conflictivas de cultura, raza y nación en un contexto de integración regional.*" July 2000.
2. Paglieri, B. and P. Sanguinetti. "Institutional Issues and the Results of the Tariff and Non-Tariff Liberalization in Mercosur." July 2000.
3. Parish Jr., Randall R. "Stability without Hegemony: Brazil, Argentina, and Southern Cone Integration." July 2000.

OCCASIONAL PAPER SERIES

1. Remmer, Karen L. "The Chilean Military under Authoritarian Rule, 1973-1987." March 1988.
2. Davidson, Russ. "A Description of Rare and Important Medina Imprints in the University of New Mexico Library." May 1988.
3. Martz, John D. "The Military in Ecuador: Policies and Politics of Authoritarian Rule." June 1988.
4. Torres, Victor F. "The Canudos War Collection." May 1990.
5. Bénaud, Claire-Lise and Oscar E. Delepiani. "OAXACA: A Critical Bibliography of Rare and Specialized Materials in the University of New Mexico's General Library." March 1992.

SPECIAL PUBLICATIONS

1. Davidson, Russ and Joiner, Carol. "Mexico in the UNM Libraries: A Guide To Special Materials and Older Works." Spring 1986.
2. Kjeldgaard, Linda, editor. "Encuentro: A Columbian Quincentenary Quarterly". 1985 - 1989.
3. Kjeldgaard, Linda, editor. "Encounters: A Quincentenary Review." 1989.
4. Landmann, Robert S., editor. "The Problem of the Undocumented Worker." Spring 1980.